

DOI 10.31418/2177-2770.2020.v12.c3.p03-05 | ISSN 2177-2770 Licenciado sob uma Licença Creative Commons



CADERNO TEMÁTICO "III PSINEP - ARTICULAÇÃO NACIONAL DE PSICÓLOGAS/OS NEGRAS/OS E PESQUISADORAS/ES"

Maria Lúcia da Silva¹

Este ano de 2020...

Que ano intenso!

Nele, a ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) celebra a sua 1ª década de existência, e para tanto, tinha se preparado para a realização do III PSINEP - Encontro Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es), mas o mundo foi surpreendido pela COVID-19.

E, repentinamente, fomos colocados numa realidade recortada por um estranho paradigma de convivência, numa experiência coletiva de isolamento social, que escancarou, impiedosamente, a distância que sempre esteve presente entre nós: a desigualdade incrustada na sociedade brasileira.

Um cenário de medo, incertezas, indignação, o que aumentou a demanda por acolhimento em saúde mental.

Contudo, foi inevitável o adiamento do III PSINEP e, ao mesmo tempo, foi necessário realizar uma ação que desse mais visibilidade à negligência do Estado Brasileiro em relação à saúde da população negra. E, assim, foi lançada pela ANPSINEP a Campanha #SaúdeMentalDaPopulaçãoNegraImporta!²

A Campanha ampliou as nossas parcerias e o nosso escopo de atuação, o que certamente trará bons frutos para o III PSINEP adiado.

¹ Psicóloga Clínica, CRP-6/21.298, Psicanalista, co-fundadora do Instituto AMMA Psique e Negritude e Coordenação Geral da Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es – ANPSINEP. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2085-8701; E-mail: mluciasilva@uol.com.br

² Realizada de 15/8 a 15/9/2020 que circulou nas redes sociais e foi constituída de

É uma satisfação enorme contar com a força coletiva da ABPN-Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as), que há 20 anos atua em defesa da pesquisa acadêmico-científica, a qual nos brinda, em nosso décimo ano de luta e resistência, com esta publicação apresentando textos de referência, norteadores dos eixos temáticos do próximo Encontro Nacional (III PSINEP).

Deste modo, a ANPSINEP visa disseminar um *construto teórico* para compreensão das relações raciais, uma outra episteme para a psicologia brasileira, apontando para a possibilidade de uma psicologia antirracista.

Esta coletânea foi produzida por intelectuais negras e negros, à luz de uma psicologia que dialoga com saberes e práticas.

Clélia Prestes, em <u>Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras</u> <u>figuras negras</u>, apresenta "um escopo das relações raciais no campo psi, por meio de uma linha do tempo, ecoando histórias e produções de algumas das principais referências negras da área".

Emiliano David e Maria Cristina Vicentin, em <u>Relações raciais</u>, <u>uma questão</u> <u>antimanicomial</u>, discutem saúde mental e relações raciais, propondo o "aquilombamento dos serviços de saúde" como uma possibilidade antimanicomial, na medida em que a "descolonização das práticas de cuidado e a inclusão das teorias e dos saberes afrodiaspóricos podem ampliar a potência de um agir em saúde."

Deivison Faustino e Maria Clara Oliveira, em <u>Frantz Fanon e as máscaras</u> <u>brancas da saúde mental: subsídios para uma abordagem psicossocial</u>, apresentam "algumas contribuições do psiquiatra, filósofo e ativista anticolonial Frantz Fanon para o campo da saúde mental" nos levando a refletir sobre o tratamento dado ao racismo nos serviços de saúde, em especial na da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Alessandro Campos, em <u>A psicologia e o racismo estrutural na atualidade</u> <u>latino-americana</u>, nos fará refletir sobre a Améfrica Ladina proposta por Lélia Gonzalez, essa latinidade como um grande desafio, a partir da busca de um "território existencial atravessado por paradoxos, dicotomias, ambiguidades e confrontos". Sugere-nos, assim, que na dimensão ético-política teremos uma busca imensurável e precisaremos lidar simultaneamente com "as convergências e as divergências sócio-históricas e psicossociais" nesse continente, cheio de contradições e conflitos. Grande aposta na contribuição da psicologia.



Eliane Costa, em <u>Vínculos, grupos e redes em prol da vida ou na pactuação</u> <u>racista para a produção de morte</u>, a partir dos escritos de René Kaës e Pierre Benghozi, teóricos da psicanálise dos vínculos, discorre sobre o racismo considerando dois aspectos: as operações subjetivas, inter e transobjetivas e a branquitude. Segundo a autora "a luta contra o racismo é estrutural e identitária, é pela democracia e pelo direito de se ter vida psíquica livre dos efeitos traumáticos da dominação".

Jeane Tavares, Carlos Jesus Filho e Elisangela Santana, em <u>Por uma política</u> <u>de saúde mental da população negra no SUS</u>, partindo do resgate histórico, demonstram como o campo da saúde mental teve seu início marcado por um ideal eugenista que se atualiza em diferentes momentos históricos, contribuindo para a manutenção de uma hierarquia racial e um modelo hospitalocêntrico, destacando o racismo como produtor de sofrimento psíquico, tema negligenciado até hoje. Segundo os autores, uma política pública efetiva de promoção da saúde mental "passa pela pactuação entre as diferentes esferas de governo de uma política de saúde mental racializada, pela superação do racismo institucional e pela radical ruptura com o modelo manicomial".

Por fim, em companhia de **Ondina Peruzo**, no texto <u>Enfim ... por que a Campanha Saúde Mental da População Negra, Importa</u>, descrevemos o processo de construção e desenvolvimento coletivo da Campanha, situando o momento histórico de criação da Articulação Nacional de Psicólogas(es) Negras(os) e Pesquisadoras(es) – ANPSINEP, seu papel e atuação no enfrentamento ao racismo, no campo da Psicologia. E, em consonância com a teoria de grupo de Pichon-Riviera, apresentamos os desafios e os resultados de um trabalho assentado na aposta de que o fazer coletivo, concorre para construção da saúde mental do indivíduo e seu grupo de pertença.

Desejamos que esta coletânea possa contribuir com a categoria de psicólogas(os) e demais setores da sociedade, ampliando a compreensão sobre os efeitos do racismo na saúde mental da população brasileira.

O racismo produz sofrimento, adoece e mata.

Boa leitura!